

Credores apostam no diálogo

Nova Iorque — Ante os informes procedentes do Brasil sobre a nomeação de Luiz Carlos Bresser Pereira para o Ministério da Fazenda, fontes bancárias de Nova Iorque logo expressaram «esperança» de uma retomada do diálogo entre o governo brasileiro e os seus credores internacionais.

Um banqueiro ligado às negociações realizadas com o Brasil, em entrevista à agência UPI, disse: «Conhecemos Bresser Pereira desde quando era diretor do Banco do Estado de São Paulo. Ele nos impressionou como um homem moderado que sempre analisa bem os problemas e considera todos os aspectos antes de tomar uma decisão». O banqueiro, como é praxe entre os executivos, falou sob a condição de não ser identificado.

Outro representante de um dos bancos mais importantes dos Estados Unidos comentou: «Recebemos com interesse e esperança as notícias procedentes

do Brasil», acerca da escolha de Bresser Pereira.

De qualquer forma, não havia muitos diretores de bancos disponíveis em Nova Iorque para comentar a substituição de Dilson Funaro no Ministério da Fazenda, uma vez que a maioria deles, vinculados à questão da dívida externa latino-americana, se encontra reunida na Flórida.

«Respeitamos a escolha do presidente Sarney, porém logicamente nos interessa uma pessoa que dialogue conosco», afirmou o banqueiro que se disse esperançoso de uma retomada das negociações em bases menos rígidas.

Quando o ministro Funaro adotou sua política de endurecimento, ante a queda das reservas cambiais brasileiras, especulou-se de novo sobre a ideia de criar um cartel dos grandes devedores latino-americanos. Naquele momento, o pacote financeiro reescalando a dívida mexicana estava estag-

nado com a indecisão de um pequeno grupo de bancos temerosos de participar do projeto. Também as negociações entre banqueiros e a Venezuela e a Argentina não progrediram, mas subitamente todos os pacotes foram concluídos. Ontem, o influente **The Wall Street Journal** confirmou que os bancos credores acertaram os acordos, às pressas, para isolar o Brasil e evitar a formação do clube dos devedores. Indagado sobre a matéria, um banqueiro que integra vários comitês de assessoramento dos bancos credores respondeu: «O artigo está bem escrito, porém creio que existe um pouco de exagero».

Em seguida, explicou à agência UPI: «As negociações com esses países já tinham começado há algum tempo e os banqueiros estavam sob pressão, tanto por parte dos países devedores quanto de instituições internacionais e ainda dos países industrializados».